

Elementos do pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich

Eduardo Gross*

Sinopse

A importância de Schelling para o pensamento de Paul Tillich é muito bem conhecida. Tillich não só escreveu duas teses sobre Schelling, mas também usou suas intuições básicas para compor a estrutura do seu próprio sistema. Esta dependência pode ser vista em muitos aspectos particulares da obra de Tillich, e bons exemplos disso podem ser encontrados na relação entre o *abismo* e o *fundamento do ser*; nas primeiras especulações sobre o *demônico*; nas considerações sobre as *ambigüidades da vida*; e na importância dada à dinâmica dos *símbolos* como um instrumento para compreender a história humana.

Palavras-chave: Schelling; Paul Tillich; abismo; fundamento; demônico; ambigüidade; símbolo.

Abstract

Schelling's importance for Paul Tillich's thought is very well known. Tillich not only wrote two thesis on Schelling, but also used his basic insights in order to compose the framework of his own system. This dependence can be seen in many particular aspects of Tillich's work, and good examples of it may be found in the relation between the *abyss* and the *ground of being*; in the early speculations on the *demonic*; in the considerations about the *ambiguities of life*; and in the importance given to the dynamics of *symbols* as a tool to understand human history.

Key-words: Schelling; Paul Tillich; abyss; ground; demonic; ambiguity; symbol.

* Doutor em Teologia pela EST, São Leopoldo-RS; professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF) e pesquisador do NEFIR-Núcleo de Estudos de Filosofia da Religião, no mesmo programa.

1 A interpretação de Schelling por Tillich

A influência de Schelling sobre Tillich é amplamente reconhecida e referida. O próprio fato de Tillich ter elaborado duas teses acadêmicas sobre Schelling já indicaria isto. Esta exposição visa exemplificar como esta influência ocorre em algumas elaborações conceituais particulares. Para isso, inicialmente ela partirá do exposto num artigo bastante instrutivo, embora sintético, em que Jerome Arthur Stone apresenta os principais elementos que podem ser creditados à influência de Schelling no desenvolvimento do pensamento de Paul Tillich. Os principais destes elementos referidos por Stone são elencados para que se possa ter uma visão panorâmica dessa influência. Em seguida, serão elaboradas análises detalhadas, a título de exemplificação, sendo apresentados do pensamento de Tillich os conceitos de “abismo do ser” e de “demônico”, uma síntese das reflexões sobre as “ambigüidades da vida” a partir da estrutura das polaridades ontológicas e o emprego da análise dos símbolos para a interpretação da cultura, com destaque para o conceito de “teonomia”.

Para Tillich, Schelling representa o início de uma filosofia existencial, embora ainda numa roupagem essencialista. Sua importância histórica se deve à influência que proporcionou a inúmeros outros pensadores que o seguiram, muitas vezes sem creditarem a Schelling esse início.¹ O fato de Schelling não ter conseguido construir um sistema coerente fez com que Tillich buscasse examinar seu percurso em busca de linhas de coerência básicas. Assim, ele interpretou que Schelling teria desenvolvido seu pensamento em torno da polarização entre *mística* e *consciência de culpa*. As respostas aos problemas que ele examinou particularmente em cada momento de seu desenvolvimento intelectual teriam feito com que o sistema todo não manifestasse uma coerência fundamental.² Para nosso interesse é preciso notar que a

¹ Jerome Arthur STONE. *Tillich and Schelling's Later Philosophy*, p. 20-21. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos cf. as Referências Bibliográficas abaixo.]

² *Ibid.*, p. 21.

distinção entre religião mística e religião ética ou profética é básica na concepção de Tillich, de modo que a busca por identidade levada a efeito por Schelling, de acordo com a interpretação de Tillich, fornece a base para a filosofia da religião deste último, que apresenta uma tipologia baseada justamente na distinção entre participação e diferença, ou entre religião mística e religião ética.³

A ontologia voluntarista aparece como primeiro elemento em que Tillich segue os passos de Schelling, reinterpretando-os. Assim, a formulação da dialética entre as potências de Schelling serve de base tanto para a interpretação que Tillich faz de Schelling em *Misticismo e consciência de culpa*, quanto para sua própria elaboração das concepções de *razão*, *abismo do ser*, *demônio* e *trindade*. Além disso, fornece a base para elaboração de certos temas na obra de Tillich, como por exemplo: a cristologia entendida como sacrifício do que há de mais excelso no humano; a necessidade de a história ter um centro para adquirir sentido – sendo Cristo este centro; a visão do mundo como mediação entre a criação de Deus e o processo de participação livre no curso da existência que inclui a realidade do mal.⁴

Um segundo aspecto da ontologia de Schelling utilizado por Tillich é o emprego da dinâmica das “potências” para a análise de situações históricas. Nesse emprego, aquelas “potências” recebem outros nomes, são chamadas de “polaridades” ou de “princípios”, mas obedecem ao mesmo esquema de tensão em busca de síntese. Assim, as polaridades entre “forma e conteúdo”, e entre “liberdade e destino” manifestam paralelos entre os dois pensadores. Para Stone, a peculiaridade de Tillich, apesar de não desenvolver tanto a reflexão sobre as “potências”, está em ter distinguido entre seu estado de harmonia essencial, ruptura existencial e ambigüidade atual.⁵

³ Esta distinção, recorrente em toda a obra de Tillich, aparece com uma terminologia mais antiga em Paul TILLICH, *What is religion?*, p. 88-92, onde ele faz distinção entre religião demoníaca ou mística e religião teocrática ou profética. Para a formulação posterior, com a tipologia distinguindo entre fé ontológica (mística) e fé moral, cf. *Dinâmica da Fé*, p. 39-49; cf. tb. *The Two Types of Philosophy of Religion*, p. 10-29.

⁴ STONE, Tillich and Schelling's Later Philosophy, p. 23-29; 31-33. Stone traz em seu texto a idéia que enriqueço com alguns exemplos tirados dos textos de Tillich.

⁵ *Ibid.*, p. 29-30.

Em terceiro lugar, a dinâmica entre razão e irracionalidade representa um aspecto importante adotado por Tillich. Para Stone, já que Tillich afirmou que o Schelling tardio representava o pensamento mais “teônimo” do idealismo alemão, fica evidente que a proposta de “teonomia” de Tillich depende da filosofia positiva de Schelling. Especial atenção Tillich devota à noção de “queda”, na dinâmica das potências, o que lhe permite valorizar os aspectos trágicos da existência, e à importância de símbolos e mitos como manifestação da verdade divina que transcende a capacidade representacional da razão. O mesmo vale para a interpretação da história da cultura a partir dos elementos religiosos. A religião, os símbolos e os mitos, aparecem como elementos substanciais de uma cultura, a partir do que se pode perceber a dinâmica histórica como um processo de superação de certos símbolos por outros.⁶

Stone aponta ainda três distinções da elaboração de Tillich em relação a Schelling. Primeiro, Tillich se utilizaria de uma linguagem menos “fantástica” do que Schelling. Segundo, Tillich se restringiria mais à linguagem tradicional do cristianismo. Terceiro, Tillich abandonaria a linguagem da especulação em favor de uma linguagem simbólica.⁷ É possível que se perceba que estas observações de Stone possam ser reduzidas a uma distinção só. Note-se que todas as três se referem a questões de linguagem. A mais importante observação é a de que Tillich expressamente reconhece o caráter simbólico ou metafórico de toda sua fala sobre Deus.⁸ Ora, reconhecendo este caráter metafórico, necessariamente a linguagem deixa de ser especulativa, no sentido “fantástico” do termo conforme caracterizado por Stone. Assim, Tillich realiza aquilo que também é proposto por Andrew Bowie: discutir no texto de Schelling a relação entre metafísica e discurso metafórico.⁹ Resta comentar a segunda observação de Stone,

⁶ Ibid., p. 33-38.

⁷ Ibid., p. 38-39.

⁸ Cf. TILLICH, *Sistematic Theology*, v. 3, p. 113; para um exame mais detido da questão, cf. TILLICH, *The Nature of Religious Language*, p. 53-67.

⁹ Andrew BOWIE, *Schelling and Modern European Philosophy*, p. 5-12. É preciso notar, entretanto, que entre Bowie e Tillich há distinções na compreensão da linguagem metafórica; enquanto que para Tillich o simbólico e o metafórico se fundam

de que a linguagem de Tillich se restringiria mais à terminologia cristã tradicional. Pois é justamente isso que torna a sua linguagem menos fantástica – porque menos híbrida, despida de características teosóficas, a linguagem de Tillich parece menos especulativa. De fato, isto é assim para quem participa do uso dessa linguagem simbólica cristã, como é o caso também de Stone. Provavelmente para quem não compartilha dessa linguagem, a terminologia é tão ou mais fantástica do que a de Schelling. Em todo caso, a opção por um campo de linguagem particular tem realmente a vantagem de favorecer uma sistematização mais clara da exposição. A desvantagem, por outro lado, é que o público disposto a compreender a exposição também se vê reduzido em relação a Schelling – de modo que muitos vejam Tillich somente como teólogo, enquanto que Schelling tem um lugar, mesmo que problemático para alguns – na história da filosofia. De resto, cabe mencionar também que as críticas cristãs a Tillich vão muitas vezes justamente na mesma direção daquilo que Stone afirma de Schelling – que sua linguagem é muito especulativa e demasiado fantástica. De fato, nem todas as metáforas conceituais empregadas por Tillich são sempre agradáveis, mas isso faz parte do risco do pensador que ousa expor suas reflexões.

A seguir, nesta apresentação, o foco estará dirigido particularmente para dois destes aspectos elaborados por Tillich cuja fonte primeira foi Schelling: a noção de “abismo do ser” e a de “demônico”. Além disso, serão apresentadas as “polaridades” que Tillich desenvolveu para a análise da existência. Por fim, serão expostos exemplos de análises da dinâmica histórica a partir da percepção de símbolos substanciais a esta dinâmica.

própria profundidade da razão, no abismo do sentido, Bowie não especula sobre a natureza da metáfora e parece se limitar a entendê-la como antecipação heurística de conhecimentos que poderão ser articulados de uma forma estruturada mais racionalmente no futuro.

2 Abismo e fundamento do ser

A caracterização de Deus elaborada por Tillich deve muito a Schelling. Encontra-se a cada passo, em sua obra, a simbolização de Deus como “fundamento do ser”. A intenção dessa expressão é apontar para uma distinção entre “ser” e “fundamento do ser”. Nesse sentido, Tillich é relativamente conseqüente, já que “fundamento do ser” é usado com muito mais freqüência em sua obra para a caracterização do divino do que “ser” ou “ser em si”. De modo que nas poucas vezes que se encontram os termos “ser” ou “ser-em-si” eles deveriam ser entendidos nesse mesmo sentido de “fundamento do ser”.

No entanto, ainda a expressão “fundamento do ser” poderia permitir uma certa incompreensão. Afinal de contas, “fundamento” parece algo palpável e estático. Remete a uma estrutura rígida. Por isso, é importante atentar para o fato de que muitas vezes Tillich emprega a expressão composta “fundamento e abismo do ser”. Com isso, basicamente, ele está fazendo referência à necessidade de se perceber uma polaridade intrínseca ao divino. Aquilo que fundamenta é simultaneamente o que desestabelece.

Ao comentar o símbolo cristão da trindade, por exemplo, Tillich afirma que a unidade da divindade é simbolizada pela noção de “Espírito”, que representa a vida divina que une outros dois princípios:

A intuição humana do divino tem sempre feito distinção entre o abismo do divino (o elemento de poder) e a plenitude do seu conteúdo (o elemento de sentido), entre a profundidade divina e o *logos* divino. O primeiro princípio é a base [“basis”] da divindade, o que torna Deus Deus. É a raiz da sua majestade, a intensidade inaproximável do seu ser, o inexaurível fundamento do ser em que tudo tem sua origem. É o poder de ser infinitamente resistente ao não ser, dando o poder de ser a tudo o que é.¹⁰

¹⁰ TILLICH, *Systematic Theology*, v. 1, p. 250-251.

Enquanto que o elemento racional é chamado de “formal”, a profundidade simbolizada com o termo “abismo” aponta para o caráter inefável e infinito que precede a razão.¹¹ A dependência da concepção de Schelling é notória. Mas é preciso atentar para alguma mudança terminológica. Em vez de “potência”, como Schelling, Tillich fala em “princípio”, o que é importante para se perceber outras expressões suas que se originam da mesma fonte – como “princípio protestante”, “princípio profético”, “princípio teocrático”, “princípio romântico”, “princípio burguês”, por exemplo.

O mesmo ocorre quando expõe sua concepção relativa à “profundidade da razão”. Esta “profundidade” precede a razão mas se manifesta nela, ela fornece poder e sentido à razão. Que esta “profundidade” é inabarcável pela própria razão fica manifesto na exposição da relação entre ela e a própria razão:

Este não é mais um campo da razão que poderia progressivamente ser descoberto e expresso, mas é aquilo que se expressa através de cada expressão racional. Poderia ser chamado a “substância” que aparece na estrutura racional, ou “ser-em-si” que se manifesta no *logos* do ser, ou o “fundamento” que é criativo em cada criação racional, ou o “abismo” que não pode ser exaurido por qualquer criação ou por qualquer totalidade delas, ou a “potencialidade infinita de ser e sentido” que flui para dentro das estruturas racionais da mente e da realidade, atualizando e transformando-as. Todos os termos que apontam àquilo que “precede” a razão tem um caráter metafórico.¹²

É importante notar esta última frase, quanto ao caráter metafórico dessa terminologia. Ela representa a possibilidade que Tillich vislumbra de retomada da linguagem do Schelling tardio evitando uma “positividade” dessa linguagem no sentido de uma pura especulação. Ou seja, a linguagem simbólica ou metafórica é reconhecida por Tillich como reveladora de uma verdade que não pode ser descartada. Ao mesmo tempo, a afirmação do seu caráter figurado impede tanto uma racionalização completa quanto uma compreensão literal dessa simbologia.

¹¹ Ibid., p. 156.

¹² Ibid., p. 79.

Outro contexto onde aparece o “abismo” em conexão com o “fundamento” se encontra onde Tillich fala do mistério. Ao tratar de exemplos tirados do misticismo, ele aponta para o mistério como o que está além (ou aquém) da razão, como sendo seu fundamento e abismo. Quando se manifesta positivamente, este mistério aparece como fundamento, como poder de ser que vence o não-ser. Na pessoa humana, aparece como a “preocupação última”, o fundamento do sentido existencial e da fé, expressando-se culturalmente em símbolos e mitos.¹³ Enquanto que a contemplação do divino de uma forma regular ou racionalizada cria o tipo ético de religião, a contemplação desta profundidade abismal cria o tipo paradoxal.¹⁴

Uma certa ambigüidade no uso terminológico de Tillich aparece quando ele utiliza os termos “abismo” e “fundamento”, à medida que às vezes eles parecem apontar para a mesma característica e às vezes parecem apontar para características distintas. Enquanto que o caráter “abismal” indica claramente o aspecto dinâmico pré-racional do ser, o “fundamento” às vezes é usado nesse mesmo sentido (como se pode ver nos exemplos referidos acima) e às vezes é usado num sentido mais estático, contrapondo-se ao abismal. Como, por exemplo, quando Tillich comenta a noção de “sagrado” de Rudolf Otto:

Quando descreve o mistério do sagrado como *tremendum* e *fascinosum*, ele expressa a experiência do “último” no duplo sentido daquilo que é abismo e daquilo que é o fundamento do ser do homem.¹⁵

Admitindo-se que se trata de um “duplo” sentido, o “abismo” não poderia coincidir com o “fundamento”. Na verdade, essa contraposição entre “abismo” e “fundamento” aparece muito mais em sua obra do que a justaposição. Especialmente porque Tillich geralmente usa “fundamento do ser” sozinho. Assim, tem-se a impressão de que ele se refere a

¹³ Ibid., p. 110.

¹⁴ Ibid., p. 119.

¹⁵ Ibid., p. 116.

algo precedente ao ser, mas a imagem é mais estática do que quando “abismo” e “fundamento” aparecem justapostos, como nos exemplos aqui trazidos. De modo que talvez a melhor compreensão de Tillich se faça ao acrescentar sempre a noção de abismo quando ele fala de fundamento – o que significa dizer que a melhor compreensão de Tillich se faz ao lê-lo a partir da relação que Schelling estabelece entre as “potências”.

3 O demônico

Outro conceito que Tillich desenvolve a partir das “potências” supostas por Schelling é o de “demônico”. Ele é elaborado a partir da interpretação que Tillich faz do Schelling tardio de que a religião fornece a substância para as formas culturais, uma idéia que ele manterá por todo o desenvolvimento de seu pensamento.¹⁶ Mas a caracterização do “demônico”, enquanto categoria analítica empregada por Tillich, não permanecerá sempre a mesma.

Inicialmente, em seu período germânico anterior à ascensão nazista ao poder, “demônico” é uma categoria que serve para apontar a origem profunda das formas culturais. O termo é tomado do grego “daimon”. Em alemão, Tillich usa o termo “dämonisch”, que não era um termo popular como é o português “demoníaco”, que corresponderia ao alemão “teuflisch”. Isso porque não é à figura mitológica cristianizada do demônio que ele quer se referir, mas aos “daimones” helênicos. Isso fica bem evidente no artigo de Tillich sobre o demônico publicado no volume “A interpretação da história” – neste artigo, o demônico é definido da seguinte maneira:

A tensão entre a criação de formas e a destruição de formas em que se baseia o demônico marca o limite entre este último e o satânico, no qual a destruição é simbolizada sem a criação – é somente simbolizada – porque o satânico não tem existência efetiva, diversamente do demônico. Para ter existência, ele teria de ser capaz de assumir forma, isto é, teria de conter um elemento

¹⁶ Ibid., v. 1, p. 39; v. 3, p. 60, 94-98, 158.

de criação. O satânico é o princípio negativo, destrutivo, inimigo do sentido, que é efetivo no demônico em conexão com o princípio positivo, criativo e significativo. O símbolo de Satã isola o elemento destrutivo do criativo e o torna um princípio independente. [...—] Mitologicamente falando, Satã é o principal dos demônios; ontologicamente falando ele é o princípio negativo contido no demônico.¹⁷

Este texto manifesta bastante claramente a dependência da dinâmica das potências elaborada por Schelling. O que Schelling chegou a chamar de “trevas” aparece aqui como demônico, que não deixa de ter uma conotação negativa, assustadora, em oposição ao princípio iluminador que dá origem à razão, o “logos”. No entanto, sem esta potência que gera todo o desenvolvimento do ser nada haveria. O demônico de Tillich é a potência que se atualiza no processo de diferenciação, sendo indicação da fonte da criatividade – mas num estado de alienação em relação a esta fonte. Se não tivesse nenhum elemento de forma poderia ser “satânico”, mas isso não é possível. O “satânico”, nesse sentido, é uma abstração pura. O demônico não, ele representa uma forma portadora de reivindicação de sentido, o que se fundamenta na estrutura originária da realidade.

Mais tarde, o conceito de “demônico” vai ganhando uma conotação mais marcadamente negativa em Tillich. O termo passa a designar as realidades finitas que reivindicam ultimacidade, tomando o lugar do fundamento e abismo do ser. Elas o fazem fundadas naquele fundamento e abismo – daí a sua verdade, e daí a continuidade em relação ao primeiro uso do termo por Tillich. Mas ao invés de assumir a forma de uma referência, ao invés de reconhecer seu caráter finito e simbólico, as formas culturais caracterizadas como demônicas reivindicam sacralidade para si mesmas. Deste modo, é preciso o exercício da crítica em relação a estas formas – crítica que se fundamenta no caráter “abismal”, destruidor das formas, e que se manifesta no “princípio protestante” ou “profético”, que consome a substância sacramental que concede poder ao demônico.

¹⁷ TILLICH, The demonic.

É preciso atentar, no entanto, para o fato de que, tanto no primeiro quanto no segundo momento, “demônico” para Tillich não é uma caracterização mitologizante, mas uma categoria analítica, especialmente utilizada na crítica da cultura. Os exemplos no antigo texto sobre o demônico se referem às manifestações artísticas, especialmente de arte primitiva e do expressionismo, que estavam no auge durante a República de Weimar. No segundo momento, os exemplos são tirados das ideologias totalitárias que reivindicam sacralidade e submissão incondicional, como o nazismo e o stalinismo. A crítica de Tillich ao formalismo burguês, já desde os anos 30, é de que a pura luz da razão não aporta sentido, a razão esvazia de sentido – e a existência humana exige o sentido que provém daquela profundidade abismal do ser. O formalismo crítico, nesse sentido, é que abriria o espaço para o demoníaco totalitário. A tragédia moderna seria justamente esta separação dos elementos que deveriam, esperava Tillich, encontrar uma nova composição.¹⁸

Por que teria havido esta mudança de emprego do termo “demônico” em Tillich? Eduardo Cruz aponta como possibilidade explicativa a mudança de contexto devida à migração da Alemanha nazista para os EUA, que ocasionou a mudança de interlocutores – menos moldados pela filosofia idealista alemã e mais pela linguagem cristã tradicional, assim como mais otimistas em contraposição ao espírito pessimista vigente na Europa.¹⁹ Outra possibilidade de explicação para essa mudança seria uma desconfiança maior em relação às formulações românticas, após a percepção do grau de destrutividade que o regime nazista representou. Quando se lê o texto de *A decisão Socialista*, por exemplo, é curioso perceber que por um lado este texto tenha sido um dos motivos da destituição de Tillich de sua cátedra em Frankfurt e, assim, da sua emigração, e que por outro lado seja um texto que valorize tão profundamente os elementos da “tra-

¹⁸ TILLICH, *Die Sozialistische Entscheidung*, p. 264-273, 281-285, 298-301; *Basic Principles in Religious Socialism*, p. 69-73.

¹⁹ Eduardo R. CRUZ, A vida e suas ambigüidades no sistema de Paul Tillich, *Estudos de religião*, n. 10, jul. 1995, São Bernardo do Campo : IEPG, p. 86.

dição” e do “solo” – ou seja, elementos potencialmente “demônicos”. Neste sentido, talvez a posterior mudança de conotação em relação ao “demônico” visasse evitar a má interpretação do que ele pretendia dizer com este termo.

4 As ambigüidades da vida

O conceito tillichiano de “vida”, embora tenha sido enriquecido a partir de outros componentes, tem sua origem nas elaborações de Schelling. Tillich apresenta “dimensões” da vida, desde a inorgânica até a do espírito. Isso claramente evoca a concepção de Schelling da exteriorização do Espírito na natureza. O termo “dimensão” é utilizado por Tillich especificamente com o objetivo de evitar uma gradação de níveis de ser nessas dimensões. No entanto, seguindo as linhas gerais do idealismo, também Tillich estabelece uma progressão valorativa nessas dimensões, de forma que o humano seja aquele em que a consciência de si e a liberdade alcançam o grau maior. Mas ele quer acentuar a multidimensionalidade da vida – cada dimensão participa das outras, sem uma mera subsunção de uma pela outra. O eco de Schelling pode ser percebido na seguinte passagem:

Vida foi definido como a atualização do ser potencial. Em cada processo vital tal atualização tem lugar. Os termos “ato”, “ação”, “atual” denotam uma movimento progressivo centralizadamente intencionado, uma saída de um centro de ação. Mas esta saída tem lugar de tal modo que o centro não se perde no movimento de saída. A auto-identidade permanece na auto-alteração. O outro (*alterum*) no processo de alteração se volta tanto para longe do centro quanto retorna para ele. Assim podemos distinguir três elementos no processo da vida: auto-identidade, auto-alteração e retorno a si próprio [“to one’s self”]. A potencialidade se torna atualidade somente através destes três elementos no processo que chamamos vida.²⁰

Potencialidade, movimento triádico e processo vital remetem a especulações já elaboradas por Schelling que são retomadas por Tillich nesse trecho.

²⁰ TILLICH, *Systematic Theology*, v. 3, p. 30.

No entanto, essa visão idealizada é contraposta por Tillich à situação concreta, existencial. O processo de vida ocorre na existência somente de forma ambígua. Para expressar estas ambigüidades, Tillich apresenta três funções da vida: auto-integração, autocriação e autotranscendência, que por sua vez se manifestam em meio a polaridades ontológicas nas quais as funções acima se atualizam na existência. A auto-integração ocorre entre as polaridades de individualização e participação; a autocriação entre as polaridades de dinâmica e forma; a autotranscendência entre as polaridades de liberdade e destino. O ideal seria o balanço ótimo entre os elementos polares, assim que, por exemplo, a auto-integração pudesse contemplar tanto um bom grau de participação quanto de individualização. No entanto, na concreticidade ambígua da vida este balanço ideal não é facilmente alcançável, de modo que se vive em meio às ameaças de rupturas dessas polaridades, que resultam em ameaças de desintegração, destruição e profanação.²¹

O mais importante para nossa finalidade é notarmos a centralidade do conceito de “ambigüidade”, o qual perpassa toda essa “tábua de categorias existenciais” que lembra uma construção barroca. De fato, este conjunto de categorias serve para mostrar que na existência os elementos polares se conjugam e se rompem, caracterizando vivências unilaterais. Para Tillich, isso não ocorre só na dimensão humana, mas em todas as dimensões da vida. Na dimensão humana, entretanto, por causa da maior liberdade há também maior tragédia.

Assim, por exemplo, na polaridade entre “liberdade e destino” a escolha pela liberdade que não assume seu destino acarreta um utopismo irrealizável, enquanto que a opção unilateral pela polaridade do destino acarreta a destruição total da liberdade. Este exemplo nos mostra como a “tábua” elaborada por Tillich aponta vários elementos que configuram seu sistema como um todo: a) a integração ou identidade das polaridades é essencial, mas na existência não se experimenta essa identidade de forma completa, somente de

²¹ Ibid., p. 31-32.

modo ambíguo ou fragmentário; b) a absolutização de uma das polaridades significa algo análogo ao “demônico” apresentado acima, representando uma ruptura da identidade original que quer se fazer passar por uma representação da totalidade essencial. Com isso, é fácil perceber, novamente, o esquema básico herdado de Schelling. No entanto, o desenvolvimento contido na apresentação dessas polaridades por Tillich representa um esforço criativo bastante interessante, transmitindo uma aplicação que vai além do esquema original.

Especialmente interessante é que, na exemplificação do esquema, Tillich perpassa as várias dimensões da vida, desde a inorgânica à humana, desde a pessoa individual até os grupos culturais. Com isso ele consegue mostrar que aquilo que aqui designei como “tábua de categorias barroca” talvez não seja necessariamente algo tão artificial assim – embora eu tenda a desconfiar dessas estruturas de interpretação muito fortes. Em outras palavras: mesmo uma estrutura de interpretação ontologizante demais ainda pode nos revelar algumas verdades interessantes. Em todo caso, para que não fique a impressão errônea de que Tillich seria meramente um Schelling revivido, é interessante apontar para a criatividade que ele demonstra ter nesta elaboração.

5 História dos símbolos como base para análise da história

Dois exemplos mostram como Tillich utiliza a idéia de que a dinâmica histórica pode ser descoberta pela análise de símbolos. Um é representado pela dinâmica entre “heteronomia”, “autonomia” e “teonomia”. Outro se percebe na análise dos grupos políticos do período da República de Weimar.

É bastante recorrente encontrar descrições da dinâmica entre “heteronomia”, “autonomia” e “teonomia” na obra de Tillich. Normalmente, estas exposições apontam para a situação heterônoma como um primeiro momento, sendo a autonomia a vitória da liberdade formal sobre a situação de restrição anterior. O exemplo mais encontrado nos textos

de Tillich é o da Idade Média tardia como retrato de ambiente heterônomo, sendo o Iluminismo marcado pela conquista da autonomia. Nessa dinâmica histórica, ele percebe a mesma fragmentação da identidade original entre substância e forma, entre sentido e racionalidade – ou seja, entre a primeira e a segunda potência de Schelling. O mundo moderno seria caracterizado pela situação de autonomia – pelo menos em termos ideológicos. Ocorre que esta situação implica o esvaziamento do sentido pela perda de contato com o fundamento do ser. Nesse sentido, “teonomia” aparece como o horizonte ideal para Tillich. Esta se caracterizaria por uma expressão natural do fundamento na dinâmica histórica. Ao invés de uma liberdade formal, se teria aqui uma existência em que o sentido da vida se expressaria na reflexão intelectual e nas formas artísticas de um modo imediato. Ao invés da busca pelo sentido, a teonomia se caracterizaria pela vivência ou pela presença do sentido. O exemplo histórico que Tillich mais freqüentemente apresenta para uma sociedade teônoma é o da Idade Média, antes de sua situação heterônoma – heteronomia que já representava uma reação à perda da substância original e que tentava impor à força o que se tinha perdido de fato.²²

O caráter romântico desse modelo de interpretação da história é tão evidente que nem precisa ser detalhada a sua dependência da estrutura do pensamento schellinguiano. Basicamente, isso se percebe pela própria estrutura triádica que reaparece neste modelo, assim como pelo uso do próprio termo “teonomia”, originalmente desenvolvido no âmbito do romantismo. Embora Tillich esclareça que ele não propõe nem uma idealização e muito menos uma volta à Idade Média, o fato de colocá-la como um modelo de realização da teonomia basta para perceber os limites deste modelo. De fato, pode-se dizer que Tillich contribui para a desmistificação das realizações da autonomia moderna, apontando para uma carência que lhe é inerente. Além disso, é verdade que o “modelo” medieval não é apresentado como modelo que vise a reestruturação da cultura e da sociedade

²² Ibid, p. 249-268.

a partir do passado, mas se trata meramente de um exemplo de realização da integração entre sentido e liberdade. No entanto, seria possível contestá-lo na direção de que toda formação cultural necessariamente exprime certos mitos originários, e de que a própria racionalidade, em certos períodos, aparece como um mito. De modo que, nesse sentido, a cultura medieval não representaria um exemplo melhor do que outros com respeito a esta interação. Por outro lado, as limitações da Idade Média deveriam apontar para limitações de expressibilidade do “sentido”. Tanto o domínio técnico quanto a liberdade são conquistas que abrem novas possibilidades para a expressão do sentido, e isto se exemplifica na vida intelectual e nas artes de modo patente.

Outro exemplo curioso do emprego de elementos simbólicos para a análise histórica se encontra na sua obra *A decisão socialista*. O fato de esta obra ter sido, possivelmente, um dos motivos para a perda em 1933 de sua cátedra filosófica em Frankfurt e, conseqüentemente, para sua emigração aos EUA, mostra justamente que Tillich conseguia, com sua linguagem de inspiração romântica, expressar suas idéias de modo bastante compreensível para o seu ambiente cultural. Nesta obra, num primeiro momento, ele descreve o que seria o “romantismo político”. Mas Tillich não se contenta com a descrição dessa concepção, ele busca seu “princípio”, seu “poder de ser” – ou seja, os elementos ontológicos que se atualizam nessa determinada formação política. Nesse sentido, o princípio do romantismo político é a busca de participação no mito original, que se atualiza na valorização de elementos como “sangue”, “solo” e “tradição”. A exposição de Tillich aponta para formas distintas de representação desses ideais românticos: uma a forma conservadora, exemplificada pela oposição monarquista à República de Weimar. Outra é a forma revolucionária, manifesta no movimento nazista.²³ Num segundo momento, Tillich descreve o que seria o “princípio burguês”, representado pelos ideais de racionalização e de autonomia do estado, da cultura, da razão, manifestado no indivíduo como “livre iniciativa”. Na

²³ TILLICH, *Systematic Theology*, v. 3, p. 247-264.

avaliação de Tillich, apesar dos ganhos representados por este princípio, trata-se de uma proposta abstrata de realização da existência. A razão, sendo pura forma, esvazia a vida de conteúdos simbólicos necessários. Diante disso, o vácuo criado pela cultura moderna é o que abre espaço para os grupos românticos conquistarem adeptos.²⁴ Por fim, Tillich apresenta o movimento socialista como exemplo das possibilidades abertas diante da situação histórica atual. Todo o livro tem seu centro na crítica à social-democracia alemã no poder por realizar aquilo que são os ideais do “princípio burguês”, e não os do “princípio socialista” que lhe seriam inerentes – isto é, a social-democracia de Weimar propôs a racionalização do estado, a autonomia formal e a laicização da política, abrindo um vácuo de sentido pela crítica de símbolos populares e dando espaço, assim, para o fortalecimento da reação romântica. A proposta de Tillich expressa no título do livro indica não uma decisão pessoal em favor do socialismo, que de fato já tinha sido a opção de Tillich naquele contexto, mas uma chamada em favor da decisão do socialismo em direção à valorização dos elementos simbólicos e tradicionais. Ou seja, ao invés de realizar o princípio burguês de ruptura da identidade original pela racionalização, os socialistas deveriam integrar elementos simbólicos românticos para realizar uma nova síntese, que evitasse tanto a reação romântica quanto o vácuo simbólico da democracia formal.²⁵

Avaliar esse texto é bastante interessante, pela ambigüidade que ele manifesta – pelo menos a nossos olhos hoje distantes daquele momento dramático na Alemanha. Ele expressa uma esperança de Tillich materializada numa proposta que visa se contrapor aos perigos do romantismo político que Tillich enxergava bastante bem, como se vê no final do livro:

Somente a espera ativa [*Erwartung*] pode superar a morte com que a nova irrupção do mito de origem ameaça o ocidente. Mas a espera ativa é o símbolo do socialismo.²⁶

²⁴ Ibid., p. 264-277.

²⁵ Ibid., p. 306-365.

²⁶ Ibid., p. 365.

O paradoxo que ele manifesta está em apresentar uma proposta romântica para combater o perigo do romantismo. O fato de mais tarde Tillich qualificar o movimento do “Socialismo Religioso” do qual ele participou como um exemplo de socialismo romântico mostra a consciência que Tillich tinha de sua própria posição.²⁷ Isso faz bastante sentido, se se pensa que são os significados simbólicos que, no fundo, potencializam a ação humana, e que as estruturas formais, apesar de garantirem a liberdade, dotam a existência de uma liberdade vazia que não acrescenta nada de substancial à vida. Novamente, a dependência da dinâmica das “potências” de Schelling se mostra claramente como o pano de fundo da estrutura analítica proposta por Tillich. Inclusive a frase final manifesta o retorno à origem como morte, buscando uma síntese nova como alternativa a este retorno puro e simples. Desse modo, pode-se perceber em Tillich um tipo de “romantismo consciente”, contraposto ao romantismo selvagem que ele lamentava estar conquistando seu povo. O ambiente cultural favorecia o emprego dessas categorias românticas realizado por Tillich. No entanto, talvez o uso dessas mesmas categorias hoje pudesse impedir a compreensão do que o texto queria propor, naquele momento – pelo menos fica a impressão de um discurso impossível, seja pelo paradoxo que apresenta, seja pela irrealismo da proposta, seja pela aparência ontologizante de uma simples análise da situação política. E, apesar disso, a mensagem central do texto não deixa de ser instigadora, justamente porque mostra a necessidade de integração entre forma e conteúdo também nos ideais políticos. Para além dos tipos de análise que só criticam as ideologias como mistificação, o texto de Tillich aponta para o universo simbólico como constitutivo do discurso político e, portanto, como um campo de análise necessário para a compreensão da dinâmica histórica.

²⁷ TILLICH, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, p. 95-96.

6 Conclusão

Pode-se perceber uma linha de continuidade forte entre Tillich e Schelling, especialmente na busca por conseguir a realização da identidade essencial – pelo menos na construção do sistema. O trágico dessa busca é que o sistema não se fecha, e exatamente por uma razão que é percebida por ambos: a razão não pode contemplar o seu próprio fundamento e abismo. Nesse sentido, a percepção do fracasso de Schelling torna a tarefa de Tillich muito mais simples. Na verdade, ele utiliza dois recursos que fazem sua empreitada ter objetivos mais humildes do que os de Schelling. Primeiro, trata-se da afirmação constante do caráter simbólico de toda a construção sistemática, assim como da afirmação do caráter metafórico da linguagem utilizada nessa construção. Segundo, Tillich constrói um sistema que, apesar de ter uma pretensão de universalidade, ao se utilizar da linguagem de uma comunidade específica, a cristã, pode ainda usufruir da vantagem de que os símbolos por ele utilizados apresentam um grau mínimo de consenso capaz de estabelecer comunicação por pressupostos compartilhados que não precisam ser postos em discussão no âmbito dessa comunidade. Talvez paradoxalmente, enquanto que Schelling se torna teológico ou teosófico em algumas de suas especulações, Tillich oferece interpretações de símbolos que podem apresentar motivos que fazem pensar. Na medida em que estas interpretações se mantêm como linguagem provisória, aberta à reflexão, conseguem se mostrar contribuições para a meditação de qualquer um.

Evidentemente, nesse processo de expressão renovada de alguns símbolos comunitários bastante antigos, Tillich recorre a muitas metáforas que elas mesmas precisam de atualização. Assim, se Schelling tinha recorrido a elementos teosóficos e naturalistas, o sistema de Tillich aparece numa roupagem existencialista mesclada com elementos de análise marxiana e freudiana, por exemplo. Foi justamente isso que possibilitou a recepção de Tillich, e de certa forma ainda

continua tendo efeitos na sua recepção atual. No entanto, é necessário redizer sua intenção para além dos limites dessas outras estruturas de discurso. Nesse sentido, redescobrir as origens do discurso de Tillich aponta para as possibilidades e limites de sua compreensão hoje.

Esta exposição pode ter passado a falsa impressão de que Tillich é nada mais do que um reformulador do discurso de Schelling. Não se trata disso. Esta impressão é possível só porque o objetivo aqui era expor justamente a continuidade de elementos schellinguianos na estrutura de pensamento de Tillich. Acontece que o modo como essa estrutura se reformula abre possibilidades de discurso que se afastam bastante daquilo que o próprio Schelling fez. Desta forma, nem se pode dizer que Tillich seja um mero reproduzidor de Schelling, nem que seu pensamento não tenha razões de ser valorizado por representar uma estrutura superada. Em primeiro lugar, Tillich tem a virtude de elaborar um sistema consciente da impossibilidade que essa empreitada representa. Ao invés de simplesmente operar como parasita de sistemas alheios, ele elabora uma construção propositiva. Em segundo lugar, nós os parasitas, encontramos formulações muito interessantes no interior dessa construção. Se a obra como um todo nos causa certa desconfiança, algumas de suas mensagens permanecem significativas.

Tillich foi um mestre das ambigüidades e das polaridades. O seu discurso brinca com esses elementos de uma forma bastante séria. Na sua miniautobiografia, *On the boundaries*, entre outros limites ele se coloca no limiar entre a teologia e a filosofia. É de certo é assim mesmo. Nós, seus leitores, no entanto, temos que constantemente perguntar de novo pela intenção que se nos apresenta nos seus textos. Lendo-o como teólogo, podemos encontrar interessantes intuições filosóficas e descobrir um mediador entre Schelling e a compreensão do cristianismo com um caráter menos conservador do que o de Schelling. Lendo-o como filósofo, podemos encontrar um representante dos inícios do século XIX no século XX, um trágico que busca o sentido de um mundo vazio nos sonhos do passado – e que, assim penso, apresenta vislumbres de genialidade nesse processo.

Referências bibliográficas

- BOWIE, Andrew. *Schelling and Modern European Philosophy : An Introduction*. London, New York : Routledge, 1993.
- CRUZ, Eduardo R. A vida e suas ambigüidades no sistema de Paul Tillich. *Estudos de religião*, n. 10, jul. 1995, São Bernardo do Campo : IEPG, p. 83-95.
- FICHTE, Schelling. (Os pensadores, v. XXVI). São Paulo : Abril, 1973.
- REISZ Jr., H. Frederick. The Demonic as a Principle in Tillich's Doctrine of God. In: CAREY, John J. (Ed.) *Theonomy and Autonomy : Studies in Paul Tillich's Engagement with Modern Culture*. Macon, GA : Mercer, 1984, p. 135-156.
- STONE, Jerome Arthur. Tillich and Schelling's Later Philosophy. In: CAREY, John J. (Ed.) *Kairós and Logos*. Cambridge, MA : The North American Paul Tillich Society, 1978, p. 11-44.
- TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Bernardo do Campo : IEPG, 1992.
- _____. *Political Expectation*. Lanham, New York, London : University Press of America, p. 58-88
- _____. *Coragem de ser*. 3a. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- _____. *Die Sozialistische Entscheidung*. In: TILLICH, Paul. *Gesammelte Werke*, vol. II, 1. Hrsg. Renate Albrecht. Stuttgart: Evangelischer Verlag, 1962, p. 219-65.
- _____. *Dinâmica da Fé*. 2a. ed. São Leopoldo : Sinodal, 1980.
- _____. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo : ASTE, 1986.
- _____. *Systematic Theology*. Chicago : University of Chicago Press. v. I, 1951, v. III, 1963.
- _____. The demonic. In: _____. *The Interpretation of History*. Chapter 1. Disponível em: <<<http://www.religion-online.org/showchapter.asp?title=377&C=47>>>. Acesso a 08/09/2004.
- _____. *Theology of Culture*. London, Oxford, New York : Oxford University Press, 1959.
- _____. *What is Religion*. New York : Harper & Row, 1973.

Eduardo Gross
Rua do Imperador, 342
Condomínio Bosque Imperial
36.035-825 – Juiz de Fora – MG
gross@ichl.ufff.br